

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

KARINE QUEIROZ PIRES

**“MATAR O CRIMINOSO, SALVAR O HOMEM”: O LUGAR DA EDUCAÇÃO NO
MÉTODO APAC.**

PATROCÍNIO, MG 2022-2023

Uberlândia

2023

Karine Queiroz Pires

**“MATAR O CRIMINOSO, SALVAR O HOMEM”: O LUGAR DA EDUCAÇÃO NO
MÉTODO APAC.**

PATROCÍNIO, MG 2022-2023

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Graduado em História.

Orientador: Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr

Uberlândia

2023

Karine Queiroz Pires

**“MATAR O CRIMINOSO, SALVAR O HOMEM”: O LUGAR DA EDUCAÇÃO NO
MÉTODO APAC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História
da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em História sob orientação do Prof.
Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr

Uberlândia, 21 de junho de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr (Orientador)
INHIS-Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Maria Andréia Angelotti Carmo (examinadora)
INHIS-Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (examinador)
INHIS-Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Quatro anos se passaram desde que iniciei no curso de História, e a partir do primeiro semestre já imaginava como seria agradecer por ter chegado até aqui, e a quem dedicar parte dessa trajetória. Do dia em que comecei até o momento atual, muitas pessoas contribuíram de maneiras diferentes para que eu pudesse me manter firme. O que antes era apenas uma idealização, hoje configura uma realidade que nem sempre foi tranquila, e exigiu de mim muitas mudanças.

De maneira geral, agradeço minha família: minha mãe, meu irmão e minha irmã. Essas três pessoas de carne e osso fazem parte do meu primeiro pensamento ao agradecer. Uso a expressão “de carne e osso” pois também tem o meu pai, já falecido, mas presente em toda a minha caminhada, com todos os ensinamentos que me deu durante sua vida na terra. Então, devo a ele minhas sinceras palavras: muito obrigada.

Ao meu pai, Silvio Alves Pires: Onde quer que o senhor esteja, obrigada pelo jeito lindo que sempre me enxergou, e por acreditar em mim quando ninguém mais conseguiu. O senhor foi quem me ensinou a andar de bicicleta, e a fazer contas de matemática. Me ensinou a amar e a ser cuidadosa com as minhas atitudes. O senhor também ouvia todos os poemas e todos os textos que eu escrevia desde muito nova, as músicas que eu compunha, e apreciava com o coração cheio de orgulho a minha paixão pela escrita. Um dia, quando eu tinha nove anos, depois de uma tarde inteira brincando de dar aula para as bonecas, o senhor disse uma frase que eu jamais esqueci: “Minha filha vai ser professora”. E seus olhos brilhavam. Papai, mesmo que não possa estar aqui e me ver formando como tanto queria, é para o senhor o meu maior agradecimento.

Agradeço a minha mãe, Silvia Helena de Queiroz Pires, pelas inúmeras ligações feitas a ela e por sempre me ouvir sem julgamentos precipitados. Agradeço pelas ajudas e por querer meu bem incondicional. Agradeço por ser a mulher referência em bondade e humildade, meu espelho pessoal e profissional, dedicada em tudo o que faz e criativa em suas entregas. Obrigada por me amar, me ouvir e me apoiar em todas as decisões.

Gostaria também de agradecer a minha irmã, Kelara Queiroz Pires, por ser minha maior referência de ser humano, excepcional em tudo que se propõe a entregar, um exemplo de profissional e também de ser humano. Obrigada por me mostrar desde cedo o quanto o estudo

pode mudar vidas e por me proporcionar a reflexão, através de muitos diálogos, do quanto é importante se orgulhar de quem nós somos. Eu me orgulho de você.

Quero agradecer ao meu irmão, Hudson Queiroz Pires, por todos os momentos descontraídos que passamos, e por ser uma pessoa de caráter que serviu como referência e apoio. Obrigada por todas as risadas e pela nossa relação leve.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos, em especial à Helena Núbia, que esteve comigo durante todos esses anos. Núbia, você é especial, e me dá muita alegria poder participar da sua vida. Te desejo muita luz na sua caminhada, obrigada por ser paciente e prestativa, e uma ótima ouvinte.

Agradeço também, à Amanda Cristina, minha amiga de longa data, que presenciou de perto a minha rotina de pesquisas, sendo presente em cada momento. Obrigada por tudo. Que você seja muito feliz durante sua trajetória.

Gostaria de dizer obrigada para minha amiga que conheci no curso de História, Emanuelle Ariadne, que por muitas vezes compartilhou comigo a realidade de trabalhar e estudar, e de se manter firme mesmo que fosse extremamente cansativo. Agradeço a você pela nossa construção diária.

Além disso, Deus esteve nos meus pensamentos, no final do curso mais do que no início, pois me encontrei espiritualmente muito depois que o esperado. Então, gostaria de agradecer a Deus por toda força que me ajudou a encontrar, e por tudo o que consegui até então. Foram muitas orações em prantos até sentir que não estava sozinha, e isso foi de grande importância.

Agradecer também a minha psicóloga, Patrícia Marques, que pegou todos os meus sentimentos no colo e me ajudou a organizá-los. Ela me fez acreditar em mim quando eu não conseguia mais. Me deu a mão quando eu não conseguia andar, e nos primeiros passos soltou, me ensinando a fazer tudo isso sozinha. Obrigada, Patrícia, por todas as horas que dedicou a mim, me ajudando a pensar no meu futuro, na minha perspectiva e me auxiliando na busca da minha melhor versão, que ainda é utópica em alguns ângulos, mas está melhor, graças a você. Seu trabalho é lindo.

A minha cachorrinha, Crystal, obrigada por ter feito da minha casa seu lar, e por nunca ter me abandonado sequer um dia durante esse período. Você apareceu para curar feridas e assim foi feito. Seu amor foi algo fora do normal, e eu sou muito grata a sua existência.

A minha companheira de apartamento e amiga, Aline Noronha, por sempre me ouvir após dias cansativos e estressantes, e por ser uma referência, principalmente nos estudos. Obrigada.

Agradeço ao João Victor Marques Lopes, meu companheiro que contribuiu muito para que esse tema se tornasse ainda mais importante durante a minha trajetória no curso, me ouvindo e aconselhando sempre que necessário. Obrigada por ter me proporcionado amor e companheirismo.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de História, pela educação que pude ter acesso, pelas pessoas que conheci e por me guiarem durante minha construção de uma trajetória profissional e acadêmica. Muito obrigada.

Ao meu Professor Orientador, Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, por toda atenção e paciência. Por me orientar durante minha pesquisa e por se interessar pelo meu tema. Por todas as reuniões e preocupação com minha saúde mental. Desejo tudo de melhor para o senhor. Agradeço à professora Maria Andréia e ao professor Jean por estarem conosco nesse momento de avaliação da monografia.

Por fim, agradeço a Deus, a minha família, amigos e todos os colegas que participaram diretamente ou indiretamente da minha formação. Muito obrigada!

“Cada detento uma mãe, uma crença

Cada crime uma sentença

*Cada sentença um motivo, uma história de
lágrima*

Sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio

Sufrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo

Misture bem essa química

Pronto, eis um novo detento.”

(Racionais Mc's- Diário de um Detento, 1997.

RESUMO

A sociedade brasileira discute insistentemente o tema da ressocialização do ex-detento: em um esforço global de recuperação de homens e mulheres penalizados pela justiça brasileira. No entanto, o debate público não se desenvolve para projetos efetivos, pois o Estado e a sociedade do país optaram por aprisionar. O Brasil tem a terceira maior população carcerária do globo, intensificando a vida precária dos detentos sem redimir os índices de criminalidade. Essa monografia resulta do esforço de compreensão desse problema social a partir de uma análise do método desenvolvido pela Associação de Proteção e Assistência ao Condenado - APAC. O método da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado surgiu como uma nova ideia para que indivíduos condenados pela prática de diversos crimes pudessem ser reeducados. O método usa o proselitismo religioso como estrutura central da intervenção sobre os sujeitos aprisionados e que objetiva produzir um novo homem pela conversão. O objetivo, então, é analisar a relação entre o discurso que institui o método e as práticas de ‘cura’ realizadas no interior do estabelecimento prisional, visando identificar os efeitos sobre a ressocialização dos apenados. Para desenvolver a monografia, foram realizadas visitas à instituição localizada na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, como atividade de pesquisa; utilizou-se documentos produzidos pela unidade e que podem ser encontrados no sítio eletrônico da APAC e no sítio da FBAC - Fraternidade Brasileira de Proteção e Assistência ao Condenado. Além disso, foram estudadas e referenciadas obras que auxiliaram na construção do processo de análise e reflexão sobre o tema. A pesquisa explicita as consequências da reeducação através da religião e as diversas problemáticas que surgem através do discurso de “Matar o criminoso, salvar o homem”, prejudicando, dessa forma, a ressocialização dos detentos na cidade de Patrocínio-MG. A exploração do trabalho e a falta de estrutura fazem com que o método se torne ainda menos viável. Em suma, a Associação de Assistência e Proteção ao Condenado, reforça, de maneira evidente, a falta de uma base educacional que seja inclusiva e plural, além de impedir que o encarcerado tenha seu direito de não seguir um caminho religioso, impossibilitando uma verdadeira inserção na sociedade, visto que, além do preconceito enraizado contra ex-detentos, existe uma falta de preparo com relação a profissionalização e estudos dentro da unidade.

Palavras-chave: APAC, Ressocialização, cristianismo.

ABSTRACT

Brazilian society insistently discusses the issue of resocialization of former prisoners: in a global effort to recover men and women penalized by Brazilian justice. However, the public debate does not develop into effective projects, as the State and society in the country have chosen to imprison them. Brazil has the third largest prison population in the world, intensifying the precarious life of inmates without redeeming crime rates. This monograph results from the effort to understand this social problem based on an analysis of the method developed by the Association for the Protection and Assistance of the Convict - APAC. The method of the Association for the Protection and Assistance of the Convict emerged as a new idea so that individuals convicted of committing various crimes could be re-educated. The method uses religious proselytism as the central structure of the intervention on the imprisoned subjects and which aims to produce a new man through conversion. The objective, then, is to analyze the relationship between the discourse that establishes the method and the practices of 'cure' carried out within the prison, in order to identify the effects on the resocialization of the convicts. To develop the monograph, visits were made to the institution located in the city of Patrocínio, Minas Gerais, as a research activity; Documents produced by the unit were used and can be found on the APAC website and on the FBAC website - Brazilian Fraternity for Protection and Assistance to the Convict. In addition, works that helped in the construction of the process of analysis and reflection on the subject were studied and referenced. The research explains the consequences of re-education through religion and the various problems that arise through the discourse of "Kill the criminal, save the man", thus harming the resocialization of detainees in the city of Patrocínio-MG. The exploitation of the work and the lack of structure make the method even less viable. In short, the Association for the Assistance and Protection of Convicts clearly reinforces the lack of an inclusive and plural educational base, in addition to preventing the incarcerated from having their right not to follow a religious path, making it impossible for them to truly in society, since, in addition to the deep-rooted prejudice against former detainees, there is a lack of preparation with regard to professional training and studies within the unit.

Keywords: APAC, Resocialization, Christianity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O INTERIOR DA APAC	18
2 O MÉTODO DE REEDUCAÇÃO APAC	28
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa, na conjuntura atual, o terceiro lugar na lista dos países com a maior população carcerária, ficando atrás apenas da China e dos Estados Unidos.¹ Quanto à reincidência, segundo o site Jus Brasil, hoje, 7 à cada 10 detentos regridem às unidades prisionais.² Isso se dá não apenas pelo resultado de uma gestão penitenciária falha e ineficiente, que executa um projeto estatal contra as populações subalternizadas, mas também está relacionado com problemas históricos, como as desigualdades sociais e o racismo estrutural, que aprisiona sob a justificativa de garantir a segurança de todos, excluindo da sociedade os sujeitos considerados indesejáveis e “ameaçadores”. Além disso, a ineficácia do sistema de ressocialização, não configura uma verdadeira possibilidade de mudança na vida dos indivíduos, que, após o cumprimento da pena, enfrentam o preconceito e a dificuldade em encontrar empregos, especialmente por não possuírem uma formação educacional e profissional adequada, que somam à realidade em que as crises do capitalismo significam desemprego endêmico e trabalho precarizado. Esse conjunto de informações iniciais possibilitam questionar os propósitos do sistema carcerário brasileiro que afirmam reiteradamente trabalhar pela recuperação e reintegração desses indivíduos à sociedade.

Para entender melhor como as instituições prisionais se configuraram na contemporaneidade, é essencial compreender como as ideias de poder e punição foram construídas ao longo dos anos.

O verbo, “Punir”, deriva do latim, *Punire*, e refere-se a aplicar uma penalidade ou castigo a um comportamento considerado inadequado ao que determinada sociedade considera como correto. Esse modelo punitivo, passou por inúmeras transformações ao longo do tempo. Durante os séculos XVI ao XVIII, o suplício era o principal mecanismo de punição utilizado, no qual o corpo do indivíduo era castigado através da dor, do sofrimento e da tortura, de modo a pagar pelo crime que havia cometido. Michel Foucault, filósofo e professor, abordou em sua

¹ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Sistema Carcerário e execução penal. Brasília: CNJ, Novembro, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/cidadania-nos-presidios/> Acesso em 04/05/2023, às 18:42.

² JUS BRASIL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/no-brasil-sete-em-cada-dez-ex-presidiarios-voltam-ao-crime-diz-presidente-do-stf/2828503> Acesso em 04/05/2023, às 19h40.

obra, “Vigiar e punir”, a relação entre suplício, justiça e o corpo do supliciado. Segundo ele, “Um suplício bem-sucedido justifica a justiça, na medida em que publica a verdade do crime no próprio corpo do supliciado.”³ Durante a idade média, os reis desempenhavam o papel de zelar pela manutenção da ordem e segurança do âmbito social. Nessa busca pelo fortalecimento do absolutismo, o castigo exemplar e o uso de torturas eram práticas comuns. Essas formas de punição tinham como objetivo não apenas reprimir comportamentos indesejados, mas também transmitir uma mensagem clara de poder e controle. O autor da tese de pós-graduação em filosofia, “Do espetáculo punitivo às sociedades disciplinar e de controle”, Gilmar José de Toni, cita:

Como o rei era soberano sobre tudo e todos, não era diferente quando se tratava do sistema jurídico, principalmente das penas que envolviam delito. O delito significava para o monarca um desafio à sua soberania, pois este perturbava a ordem do poder estabelecido.⁴

O espetáculo de horrores, criado através das práticas punitivas, visavam configurar um ambiente de repressão, “Esse "pacto" do ver entre soberano e a população produzia o medo popular e fazia o povo ser testemunha de que a punição havia ocorrido, fazendo assim com que, até certo ponto, o povo tomasse parte desta.”⁵ Nesse sentido, conforme interpretação de Gilmar José De Toni, o público era o ponto chave dentro desse espetáculo:

No suplício, como observamos, para o soberano o ideal de justiça estava assentado no método tirânico de impor as penalidades conforme seus interesses particulares, sendo que na sua maioria nestas penalidades eram usadas técnicas de punições no corpo do condenado e estas aconteciam em praça pública, fazendo o povo tornar-se álibi de um cenário que tinha por objetivo defender e fortalecer a soberania do rei e evitar a infração ou crime.⁶

No entanto, mesmo com o suplício sendo amplamente utilizado para fortalecer o poder do soberano e impor o controle social, à medida que o tempo passava, também gerava revolta e uma sensação de injustiça em muitos aspectos. Isso ocorria porque algumas punições eram aplicadas sem evidências claras ou baseavam-se em motivações pessoais da autoridade. Como

³ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.63.

⁴ DE TONI, Gilmar José. Do espetáculo punitivo às sociedades disciplinar e de controle. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.p.25

⁵ DE TONI, Gilmar José. Do espetáculo punitivo às sociedades disciplinar e de controle. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.p.26

⁶ DE TONI, Gilmar José. Do espetáculo punitivo às sociedades disciplinar e de controle. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.p.25

resultado, as próprias práticas punitivas que tinham como objetivo principal fortalecer a monarquia, acabaram enfraquecendo o poder do rei.

No século XIX, com o desgaste do antigo regime e o surgimento de novas ideologias liberais, o sistema punitivo foi transformado e substituído por formas de poder mais sutis. Surgiu, assim, um novo sistema penal, no qual juízes, em vez de reis, passaram a desempenhar um papel central, com normas específicas determinadas para punir o que fosse considerado como crime. No entanto, essa transição para um sistema penal mais “racional”, trouxe à sociedade moderna, uma nova problemática que consiste até os dias atuais: não se trata do ato, mas do indivíduo e de sua “incapacidade” de se reinserir no convívio social, “(...) pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.”⁷

A obra de Michel Foucault, “Vigiar e Punir”, é de extrema relevância no estudo do sistema punitivo, bem como as relações de poder e seu lugar dentro da História. Ele explica que há, dentro de cada âmbito social, micropoderes, que são pequenas formas de coerção espalhadas através da sociedade, e que são capazes de tomar corpo dentro das instituições:

Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.⁸

Os micropoderes, como é possível compreender, são mecanismos de coerção sutis que se localizam nos âmbitos institucionais, e no presente objeto de pesquisa não é diferente. O controle, através da privação de liberdade, será mencionado durante o trabalho, quando forem colocados em questão os pilares do método “apaqueano”⁹, e a maneira com que a Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) se apresenta, conforme será visto posteriormente, como uma instituição de “salvação” por meio do controle das almas, e não mais dos corpos dos detentos. “Matar o criminoso, salvar o homem”, mas à custa de que?

A ineficácia do sistema prisional brasileiro trouxe consigo novas ideias que foram colocadas em prática na tentativa de tornar a prisão um local proveitoso para que o detento se

⁷ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.20.

⁸ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.30.

⁹ O termo, “apaqueano” é utilizado pelo próprio sistema interno da APAC, e será citado no trabalho para se referir aos métodos adotados pela instituição

“cure” de seus erros. Porém, observando a ineficácia desses métodos através de uma pesquisa realizada na cidade de Patrocínio- Minas Gerais- veio à tona o foco da presente pesquisa: Analisar como a ressocialização se dá na prática e as experiências de detentos, família e funcionários da instituição.

Em 1972, em São José dos Campos, foi criado o método APAC, inicialmente significando, “Amando ao Próximo Amarás a Cristo”, pelo advogado e jornalista Mario Ottoboni, que foi reconhecido pelo Organização das Nações Unidas, e pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), que atribuiu a ele o título de “Cidadão do mundo, libertador dos pobres e humildes”. No mesmo ano, a primeira instituição “apaqueana” é fundada¹⁰ por meio de um grupo de voluntários cristãos liderados por Mario Ottoboni, seguindo a teoria instituída por ele.

Porém, a inauguração do método não gerou os resultados que a organização esperava, visto que, de acordo com eles, era ineficaz diante do sistema prisional. Então, foram feitas adaptações para que, em 1984, fosse fundada a primeira APAC, “Associação de Proteção e Assistência ao Condenado”, com a ideia principal de que o apenado deve ser o responsável pela sua própria recuperação, se salvando através da religião e da fé, pois, de acordo com a ideologia cristã aplicada ao método, só assim os pecados serão perdoados, desde que os indivíduos sigam as normas e creiam no método. Atualmente, a APAC conta com 63 unidades. Dentre elas, 46 se localizam no Estado de Minas Gerais, sendo 37 instituições masculinas e 9 femininas.

O termo APAC, quando criado, significava, “Amando Ao Próximo Amarás a Cristo”, e tinha como principal intuito, (de acordo com o site oficial da FBAC), evangelizar e apoiar os detentos. Após a inserção no sistema carcerário através da iniciativa privada financiada pela Fraternidade Brasileira de Assistência Aos Condenados (FBAC), que recebe o apoio internacional da *Prison Fellowship International*, a APAC passou a significar Associação de Proteção e Assistência Aos Condenados. Como é perceptível analisar, a organização “apaqueana” se deu através de um forte conceito religioso, que é capaz, conforme observado,

¹⁰ FRATERNIDADE BRASILEIRA DE APOIO AO CONDENADO (FBAC) Centro Internacional de Estudos do método APAC, Itaúna, MG. Disponível em: <https://www.fbac.org.br/ciema-2021/index.php/pt/questoes/18-como-surgiu-a-primeira-apac> Acesso em 04/05/2023, às 20h30

não apenas de incluir o estudo da bíblia como método de salvação dos detentos, como também de evangelizar, e influenciar diretamente na conversão desses indivíduos.

A Associação De Proteção e Assistência Aos Condenados, (APAC) se constitui através de 12 fundamentos principais, que podem ser encontrados no site oficial da instituição, sendo eles: Participação da comunidade, O recuperando ajuda o recuperando, Trabalho, Religião, Assistência Jurídica, Assistência a saúde, Valorização humana, Família, Serviço Voluntário, Centro de reintegração social, Mérito e Jornada em Cristo.

Todos os conceitos ligados ao funcionamento do método “apaqueano” prometem fazer com que a figura do detento seja mais humanizada que um presídio tradicional. Contudo, fazendo uma análise historiográfica com relação a uma das APAC’S, localizada na cidade de Patrocínio, em Minas Gerais, há muitas problemáticas latentes a serem exploradas no campo de estudo, e que permanecem vagas até então, principalmente com relação a Educação.

Os métodos utilizados para que o detento possa ser reinserido na sociedade são extremamente ligados a uma ideia religiosa, que apesar de ser importante em vários aspectos humanitários, não sustentam uma boa estrutura para que os indivíduos ali presentes possam construir um futuro sem reincidências, já que, da mesma maneira que o trabalho, o estudo de outras áreas além da religiosa também traria ao recuperando possibilidades de novas perspectivas fora do espaço privado de liberdade, além de aumentar sua percepção individual acerca de sua condição, como por exemplo, seu lugar na sociedade, sua condição social e política, e todas as consequências reais que já ter sido preso pode ocasionar.

A comunidade, para a APAC, é de extrema relevância no sucesso da recuperação dos familiares, o que a difere do sistema penitenciário tradicional, visto que a relação com a família não se dá por meio de uma invasão ou de revistas e mal tratos, mas através da confiança de que, com o apoio necessário, os detentos poderão se recuperar. Porém, em visitas feitas por mim, através da confecção de uma carteirinha que me deu acesso para participar das reuniões e visitas aos domingos, na prática, existem muitos fatores que dificultam essa eficácia, como por exemplo, a entrada de objetos proibidos e drogas, que supostamente são levadas por pessoas da própria família. No total, foram feitas 14 visitas desde o dia 02 de outubro de 2022 até 03 de fevereiro de 2023. Com base nisso, serão trazidos os resultados da experiência mais adiante.

O slogan da APAC consiste em “Matar o criminoso, salvar o homem”, mas a principal problemática que é de intenção aprofundar no presente trabalho, está na forma com que isso ocorre, visto que o “criminoso” não pode ser morto e ao mesmo tempo esquecido, de modo que para ter se tornado de homem para tal, várias questões sociais e psicológicas ocorreram, e não podem ser ignoradas.

O interesse pela pesquisa surgiu através da observação de que, dentro da formação na modalidade de licenciatura em História, pouco se fala acerca do sistema carcerário Brasileiro e de suas problemáticas no que consiste a teoria de ressocializar, tampouco referente a APAC, instituto privado com a promessa de renascer um criminoso como homem, através do estudo religioso. Além disso, surgiu por meio de uma motivação pessoal, visto que acompanhei o cumprimento de pena de um dos detentos inseridos na instituição do ano de 2022 a 2023.

A indagação foi feita com base na busca pelos resultados desse método na prática. No site e nas estatísticas da FBAC, é perceptível que o índice de reincidência aparece menor que nos locais convencionais. Mas, é importante lembrar que para adentrar em uma prisão na modalidade da APAC, é necessário passar por um processo “seletivo” através dos órgãos de justiça e requerer, mediante a boa ficha de comportamento e vagas disponíveis, um lugar para que se possa ser transferido. Contudo, nenhum preso, primário ou não, se dirige diretamente para os “aposentos” da instituição APAC, o que coloca em dúvida se essa reincidência não acontece com os mesmos indivíduos, porém em locais distintos.

O trabalho será organizado através de 2 capítulos, o primeiro irá apresentar o interior da APAC, voltada para a cidade de Patrocínio-MG, que é onde foram feitos os registros das visitas. O intuito é entender sua estrutura e as pessoas que ali estão. Quem são essas pessoas, suas famílias, e o que é possível verificar através dos estudos foucaultianos acerca das dinâmicas de poder. Além disso, também irá retratar o dia a dia dos indivíduos, como é a rotina ressocializadora, quem são esses detentos e quais são as perspectivas deles para a vida fora das grades.

O segundo capítulo discorrerá acerca do método educativo apresentado pela própria instituição, através do levantamento de dados do site oficial e das características das reuniões nas quais estive presente durante o tempo citado mais acima, além de levantar as problemáticas

do ensino e o que realmente se pretende com este. Ele funciona para todos? Ele é eficaz na efetiva busca por um novo caminho? Quem não se adequar estará propício a retornar?

Por fim, o trabalho irá apresentar uma análise pautada na experiência com a educação progressista, e o que poderia ser diferente caso pudesse ser aplicada na vida dos jovens e adultos em situação ressocializadora.

O presente trabalho é imprescindível dentro de um curso de licenciatura, pois, conforme observado no próprio repositório da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os principais temas encontrados sobre a temática, são das Ciências Sociais e do Direito. Porém, nós, enquanto, em breve, profissionais da educação, devemos compreender que a educação se configura muito além do ensino básico, e das escolas convencionais. É de extrema importância que os professores de História cheguem a lugares como a APAC, não apenas para que se possa constar aulas do currículo básico, mas também, por meio de todas as metodologias desenvolvidas dentro do curso, expandir as possibilidades de visão de vários indivíduos para o que eles podem ser e fazer.

Conforme dito por Michel Foucault, a tortura contemporânea não se trata mais dos suplícios, que dilaceram o corpo, mas da alma. Depois de condenado, o indivíduo não será castigado pelo o que ele fez, mas também pelo o que ele é. Seu erro será carregado pela eternidade em todos os locais sociais que frequentar. Em outras palavras, parafraseando uma letra do grupo Racionais Mc,s, “Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão pra sempre de ex presidiário.”

1. O INTERIOR DA APAC

Entrei pela porta da frente na unidade APAC de Patrocínio, é um espaço simples, não possui uma segurança armada, apenas uma câmera apontada para o exterior, onde os familiares dos detentos aguardam os funcionários chamarem, para que consigam realizar suas visitas. Há algumas cadeiras de plástico do lado de fora, que servem para que as pessoas possam se sentar enquanto aguardam, ou colocarem os alimentos que são levados no dia de domingo. A porta se abre e entra uma família por vez. Assim que chegou a minha vez, fui atendida por um rapaz simpático, que me deu boa tarde e me instruiu para que eu mostrasse minha documentação e pudesse prosseguir. Na recepção, possuem 3 funcionários, um para abrir a porta, outro para olhar o documento, e um terceiro que é responsável por pegar a assinatura e entregar um crachá, com o nome da pessoa visitada e a categoria. (mãe, pai, irmão, irmã, namorada, esposa, filhos ou filhas) Uma das primeiras observações feitas é a de que todas essas funções citadas são realizadas por meio dos detentos, que conforme vão avançando no cumprimento de sua pena, recebem tarefas que os aproximam do mundo exterior, e do contato com outras pessoas além do seu círculo familiar. Nesse sentido, a APAC possui poucos funcionários contratados, (aproximadamente 3 por turno) visto que praticamente todas as atividades são desempenhadas através dos próprios apenados. O quadro de funcionários compostos pelos próprios detentos é uma realidade que se intensificou ainda mais com a ascensão do capitalismo, visto que os corpos passam a configurar um espaço que cobra deles produtividade, não para que se ressocializem, mas pelo fato de que o próprio espaço restritivo de liberdade necessita dessa mão de obra, e se beneficia com ela, conforme trecho do artigo, “A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados”:

A atividade laborativa para os internos no âmbito da política de execução penal, de forma resumida, deixa de se revestir de um caráter essencialmente pedagógico, como prescreve a Lei de Execução Penal, para atender às demandas referentes à continuidade do próprio sistema ¹¹

Terminada a fase de conferências, passei por uma porta detectadora de metais. Essa porta detecta, por exemplo, moedas, colares muito pesados, ou chaves. Fazendo uma

¹¹ GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, **Revista Científica**, São Paulo, 2021, p. 10

comparação, é similar a uma de banco, por exemplo. As cores da unidade são neutras, as paredes são brancas com azul, e muito descascadas, é um local que não passa por reformas a algum período. Uma das reflexões que levantei é a do porquê o local não possui uma boa estrutura, visto que além da maioria dos trabalhos serem realizados pelos próprios detentos, a unidade ainda arrecada valores que são destinados para o investimento local, possuindo, até mesmo, uma espécie de lanchonete, onde são vendidos os mais variados tipos de comidas, por meio do depósito que os familiares fazem. Além disso, todos os artesanatos e artes feitas para a família, possuem uma taxa de 10% para saírem da APAC.

As paredes da parte interna são preenchidas por escritas com regras e frases de cunho religioso, simultaneamente, de modo a aparentemente se tratar de uma estratégia de memória, para que os encarcerados não se esqueçam do que precisa ser seguido para alcançarem a salvação e a liberdade. A estética religiosa está por toda parte, o que evidencia toda a teoria religiosa na prática, e é perceptível desde a recepção até os corredores das celas. A simbologia cristã é explícita, assim como a exigência para que os detentos sigam a crença, conforme pesquisa que narra a influência do método “apaqueano” na pena dos detentos que não seguem o caminho cristão:

É que os presos, ao buscarem os benefícios prisionais, tem que demonstrar o quão religiosos são. Suas possíveis máscaras, pelo que ouviram nas palestras da Jornada de Libertação com Cristo – integrante mor da metodologia e espécie de “retiro espiritual” para os presos –, são logo identificadas. 12

As crianças cujos pais estão presos, brincam durante as visitas. Elas correm no meio do corredor onde ficam as celas e no campo de futebol que se situa na área interna. Muitas delas parecem se divertir, apesar da situação de encarceramento. A maioria das crianças que visitam têm entre 1 e 9 anos. Muito detentos não recebem visitas. Nesse caso, ficam deitados nas celas até o horário acabar e todos irem embora. Muitas vezes, os presos são de outras localidades, que devido a superlotação foram transferidos para Patrocínio, o que impede que as famílias de baixa renda consigam arcar com os custos de visita, e até mesmo de hospedagem.

O corredor principal é um misto de escuridão com uma tentativa de levar luz. De um lado ficam os “dormitórios”, e do outro as inúmeras simbologias cristãs. Como há de se esperar,

¹² DA ROSA SILVA JUNIOR, A. C. Recuperação religiosa de presos: os (não) cristãos no método APAC de cumprimento de pena. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 11, n. 2, 2014, p. 135

não há janelas, nem mesmo lâmpadas no interior dos espaços. Cada cela é composta por 3 beliches, contabilizando 6 camas, o que difere a APAC das penitenciárias tradicionais, visto que, aparentemente, não há uma problemática voltada para a superlotação. Isso ocorre, também, pelo fato de que para ser transferido do sistema tradicional para uma APAC, existem requisitos jurídicos que devem ser preenchidos.

Além das celas, o refeitório é utilizado como espaço para assistir TV e fazer refeições. Os horários são determinados pelo toque de um sino que marca desde a hora de acordar até a hora de dormir. No final do corredor, há uma sala de artesanato e, como mencionado anteriormente, também uma lanchonete. Um espaço maior é destinado para os trabalhos braçais, que são realizados a tarde, sem nenhuma proteção contra a exposição solar.

Na visita descrita, do dia 28 de outubro de 2022, fomos interrompidos para participar de uma reunião com o intuito de apresentar o método “apaqueano” e destacar a importância da família na ressocialização dos presos. Às 14 horas, fomos chamados e direcionados para onde iria acontecer a palestra, e as famílias não reagiram bem, visto que aquele momento foi substituído pelo único dia de visita da semana. Grande parte das pessoas presentes tinham viajado por horas. Porém, a participação era obrigatória, segundo os membros que compunham a supervisão e diretoria.

Ao subirmos as escadas, passamos por um corredor com quadros religiosos e uma foto do fundador do método, Mario Ottoboni. Foi feita uma fila e os funcionários colheram nossas assinaturas. Entramos no local de reunião. A ausência de relógios na instituição provocou em mim uma sensação de pânico, já que o único indicativo de tempo era a posição do sol, o que tornava difícil determinar a hora exata e a parte do dia em nos encontrávamos. O ambiente gerou um clima de punição, que permaneceu comigo durante todo o período em que estive na instituição.

O diretor, Marco Aurélio Rezende Pacheco e a vice-diretora, Fernanda Silva, conduziram a reunião. Do lado, um dos detentos estava descalço, e tocava sem parar uma música religiosa, até receber um sinal do diretor para que pudesse parar. À sua frente, uma janela oferecia a visão limitado do mundo exterior, como uma única chance de, naquele momento, ter um vislumbre do que acontecia fora dos muros da APAC. A reunião se estendeu

por 3 horas e 30 minutos, e o tema central abordado foi o vínculo que a instituição acredita ter com a família dos detentos.

A família, de acordo com a metodologia “apaqueana”, é uma das bases principais para a ressocialização dos encarcerados. Durante o momento, foram compartilhadas histórias de ex-detentos que, hoje, estão empregados no mercado de trabalho, como, por exemplo, o senhor Francisco (nome fictício) de 50 anos, que, de acordo com eles, relata precisar desligar o telefone celular a noite, devido ao número excessivo de propostas de trabalhos que recebe. Além disso, também houve slides, que frisavam, principalmente, a falta de apoio com relação aos parentes dos presos, que, segundo eles, não estavam contribuindo de maneira ativa para a recuperação e aplicação do método. Um dos slides possuía o título, “Formas de fazer com que seu filho seja um eterno condenado.” e incluía como tópico, “Deixar com que, na infância, seu filho seja livre para escolher qual religião seguir, podendo ser apresentado a qualquer crença, até mesmo ao diabo, ou se tornar ateu, negando a existência de Deus.” Além disso, pontos do dia a dia como, não ensinar ao filho tarefas básicas, ou até mesmo comprar determinadas peças de roupa, como por exemplo, peças de marcas, também foram citados na explicação, em tom de ironia, culpabilizando, principalmente, as mães dos detentos pelos crimes dos filhos. Também enfatizaram como principal objetivo da APAC, o de ensinar o mínimo que, segundo eles, as mães não foram bem-sucedidas durante a criação.

A fala narrada acima é problemática, pois desconsiderou que a maioria dos presos em reabilitação foram condenados por tráfico de drogas, advindos de baixa classe social, o que negligencia todo o contexto histórico do encarceramento de pessoas pobres.

Durante a reunião, um dos homens presos orou pelas pessoas que ali estavam, e pediu para que Deus protegesse todas elas em seus respectivos caminhos.

Não pude acompanhar como terminou. A falta de noção das horas me fez ir embora, cheia de reflexões, que, inclusive, motivaram o trabalho em questão.

O método da Assistência e Proteção ao Condenado (APAC), é um dos locais onde é perceptível analisar a sutileza presente nos ambientes de poder, conforme Foucault¹³ analisa em sua obra. Os suplícios não acontecem. Os condenados possuem refeições suficientes, tomam

¹³ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

banho e têm condições físicas razoáveis para cumprirem suas penas, porém, o presente trabalho irá abordar a maneira com que a “reeducação” é utilizada na instituição de Patrocínio-MG, levantando questões acerca dos métodos aplicados, além de citar problemáticas observadas durante as visitas, juntamente com a bibliografia e fontes levantadas. Nesse sentido, a pesquisa é imprescindível para o curso de licenciatura em História, à medida que um dos principais intuítos do professor, pelo menos particularmente, é o de fazer com que um indivíduo possa pensar por si mesmo, independente de qual âmbito social ele esteja.

Paulo Freire, em sua obra, “Pedagogia da autonomia”, explica que, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo:

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.¹⁴

A APAC, embora defenda um discurso de transformação e humanização da pena, não apresenta em sua estrutura nenhuma iniciativa real que vá além da reprodução da ideia de “Corpos dóceis”¹⁵. Esses corpos são produtivos, mas passivos e neutros diante da imposição de uma única ideologia religiosa, por exemplo.

Em sua obra, “Vigiar e Punir”, Michel Foucault aborda a forma como ocorre o controle dos corpos na modernidade. Ele argumenta que, as relações de poder geram um saber que resulta na dominação, por meio de uma verdade estabelecida. No entanto, para Foucault, a verdade é uma produção que pode variar de acordo com a história e, portanto, é fluída e mutável. Dessa forma, os espaços onde o saber e o poder são consolidados têm um papel crucial na formação dos sujeitos que estão inseridos nesses ambientes. O controle dos corpos não requer necessariamente o uso da violência física, mas sim, a utilização de mecanismos mais eficazes para que os indivíduos se adequem a determinadas normas e padrões impostos, “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.”¹⁶

¹⁴ FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Editora paz e terra, 1996, p. 51.

¹⁵ Conceito utilizado na obra, “Vigiar e punir”, que se refere a um indivíduo que é submetido a mudanças que sejam vantajosas para determinada sociedade, através de uma relação de poder na qual o sujeito tenha que se adaptar, para ser utilizado e aperfeiçoado, sem que se sinta mal por isso.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.164

De acordo com a análise explicitada acima, a APAC possui a mesma mecânica sutil para que os detentos sejam, não ressocializados, mas adestrados, visto que qualquer comportamento considerado inadequado implica na regressão para a penitenciária e aumento da pena do indivíduo.

Durante a obra de Michel Foucault, ele explica a maneira com que esse adestramento acontece, a partir de 4 principais estratégias. A primeira, é denominada como, “A arte das distribuições”¹⁷ no qual é necessário que haja um local grande e fechado, onde os indivíduos possam ser distribuídos nas mais diferentes funções, formando, assim, um ciclo que facilite o controle, visto que cada um estará designado para estar em um local específico, “A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.”¹⁸

Na APAC, esse primeiro aspecto é perceptível a partir da porta de entrada, conforme foi relatado acima, já que cada encarcerado possui um trabalho. Michel Foucault irá nomear como, “Quadriculamento”, ou seja, cada um ocupando seu local que o foi designado. Além disso, há também como critério para a escolha de quem irá para determinado posto, o discurso do mérito, que é constantemente discursado na APAC. Quanto mais próximo do posto com contato externo, mais mérito o indivíduo arrecadou na instituição.

O segundo ponto será chamado de “O controle da atividade”, explicado no trecho:

É proibido perder um tempo que é contado por Deus e pago pelos homens; o horário devia conjurar o perigo de desperdiçar tempo — erro moral e desonestidade econômica. Já a disciplina organiza uma economia positiva; coloca o princípio de uma utilização teoricamente sempre crescente do tempo: mais exaustão que emprego; importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis.¹⁹

A tática de controle exaustivo do tempo permite fazer manobras com o corpo em processo de adestramento, visto que todos os momentos do dia são programados em ordem, e cronometrados por meio das diversas obrigações que precisam serem cumpridas. Na APAC, conforme foi observado no período de visitas citado anteriormente, há uma rígida rotina que se inicia as 06:00, com o despertar dos detentos por meio do sino, e as 06:30, há o primeiro ato,

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.168

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.174

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.179-180

que é chamado de ato confraternizador, em que todos irão fazer orações até as 07:00. No período do almoço, também há outro momento religioso antes da refeição. Uma das informações importantes é a de que essas atividades religiosas são obrigatórias dentro da instituição.

A organização das Gêneses²⁰ é o terceiro mecanismo explicado por Michel Foucault em sua obra, e trata-se das técnicas de evolução da aprendizagem, que passam a serem utilizadas por meio de exercícios constantes, repetitivos, e que consigam medir cada indivíduo de acordo com seus erros e acertos:

A colocação em “série” das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual (de diferenciação, de correção, de castigo, de eliminação) a cada momento do tempo; possibilidade de caracterizar, portanto de utilizar os indivíduos de acordo com o nível que têm nas séries que percorrem; possibilidade de acumular o tempo e a atividade, de encontrá-los totalizados e utilizáveis num resultado último, que é a capacidade final de um indivíduo. Recolhe-se a dispersão temporal para lucrar com isso e conserva-se o domínio de uma duração que escapa.²¹

O método APAC evidentemente utiliza das atividades para colocar os indivíduos em um ranking, partindo de melhor para o pior. Uma das maneiras de medir a “capacidade” de cada detento, é por meio de um quadro, com duas cores, vermelha e amarela. Esse quadro possui o nome de todos que estão seguindo a rotina carcerária, e caso não consigam fazer alguma das atividades propostas, ganham um ponto, no caso vermelho, grave, e no amarelo, leve.

Os nomes ficam expostos exatamente como explica Michel Foucault, para que os melhores possam se sentirem especiais por terem conseguido se adequar àquela realidade, e os piores, penalizados, até que atinjam as expectativas da instituição.

Por último, os corpos dóceis também precisam serem organizados em conjuntos, para que consigam se “vigiar” e renderem cada vez mais. Esse processo é denominado de “A composição das forças”, conforme trecho:

Surge assim uma exigência nova a que a disciplina tem que atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.²²

²⁰ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.182

²¹ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.185

²² FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p.187

Em paralelo aos 12 elementos, que serão abordados com mais profundidade no capítulo 2, o segundo é denominado de “O recuperando ajuda o recuperando”, que ilustra o papel da “liberdade” concedida aos detentos para apontar os erros uns dos outros, sob o pretexto de ajudá-los a melhorar. Isso demonstra como a docilidade dos corpos é engrenagem essencial para essa instituição, assim como para o sistema capitalista, que se manifesta sutilmente na simbologia religiosa e nos métodos ditos como inovadores no âmbito prisional, notoriamente empregados na APAC.

A questão central abordada nesta pesquisa é a utilização do controle para gerar lucros e converter muitos indivíduos. Nesse contexto, é notório que o objetivo não é somente a dominação do corpo, como também da alma dos detentos, o que revela uma problemática profunda e que merece ser abordada. Embora não haja superlotação, os mecanismos utilizados para alcançar tais objetivos são sutis, caracterizando-se como uma nova forma de controle na modernidade.

Além disso, o termo “reeducando”, utilizado pela instituição para dar nome ao processo religioso que é aplicado na tentativa de “matar o criminoso e salvar o homem”, também necessita de análise. É correto e possível afirmar que todos os seres humanos reagem a mesma forma a um determinado recurso? Qual é o verdadeiro papel da reeducação no método da Assistência e Proteção ao Condenado?

Para o entendimento do porquê essa educação é centrada no viés religioso, é imprescindível citar o criador dos fundamentos “apaqueanos”, Mario Ottoboni²³, que seguiu o caminho cristão durante toda a sua vida, e tem como principal argumentação, humanizar o sistema carcerário por meio da figura divina. Quando pensou no método, inicialmente o denominou de, “Amando ao Próximo Amarás a Cristo”²⁴

A associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) foi criada, como dito anteriormente, em 1972, pelo cristão, jornalista, escritor e advogado, Mario Ottoboni, que nasceu em Barra Bonita, São Paulo. Ganhador de mérito reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), seu projeto visava reinventar o sistema carcerário, visto que a ideologia

²³Biografia de Mario Ottoboni 2019, disponível em: <https://camarasempapel.camarasjc.sp.gov.br/Arquivo/Documents/PL/PL22019/771077-151158549824042019-assinado.pdf>, acesso em 11/03/2023, às 20:00

²⁴ Fraternidade Brasileira de Assistência ao Condenado, CIEMA, 2021, disponível em: <https://www.fbac.org.br/ciema-2021/index.php/pt/questoes/18-como-surgiu-a-primeira-apac> acesso em 14/03/2023 às 14:58

“apaquena” seria a de que o próprio recuperando pudesse se restaurar por meio de si mesmo, buscando a ajuda da religião (que pode ser percebida como uma única crença em detrimento de outras) como forma de cura e superação dos erros do passado. Mario Ottoboni foi reconhecido como um inovador por trazer uma metodologia que se difere do sistema carcerário tradicional, as penitenciárias, ganhando o título, até mesmo, de “Cidadão do Mundo, libertador dos pobres e humildes”. Porém, esse trabalho será voltado para o questionamento da real intenção do método e de sua funcionalidade na prática.

O que é a APAC? Como uma instituição consegue se manter sem o uso de certas estratégias de segurança? Como realmente é visto o recuperando dentro daquele espaço? Matar o criminoso significa assassinar apenas as práticas criminosas de um indivíduo ou também é sobre apagar o que o fez chegar até ali, ignorando que a maior parcela de indivíduos que acabam sendo encarcerados está no crime devido a condições socioeconômicas desfavoráveis (dentre inúmeros fatores excludentes), e que provavelmente retornarão para esse mesmo caminho caso não consigam compreender seu espaço no mundo e o que pode ser feito para que novas oportunidades surjam? E o estudo? Existe um caminho efetivo para que os recuperandos consigam ter acesso a um curso profissionalizante, ou até mesmo a uma universidade?

2. O MÉTODO DE REEDUCAÇÃO APAC

A constituição brasileira de 1988 desempenhou um papel crucial ao estabelecer, após anos de autoritarismo do período da Ditadura Militar (1964-1985), os direitos básicos que devem ser oferecidos a todos os indivíduos. No artigo 205, a educação é reconhecida como fundamental, sendo atribuída a responsabilidade ao Estado e à família de promover e incentivar sua realização visando ao aprimoramento tanto individual quanto coletivo:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No contexto do sistema prisional, a Lei de Execução Penal, estabelecida em 1984, garantiu que as pessoas privadas de liberdade tivessem seus direitos protegidos pela legislação brasileira. Na Lei nº 7.210, a educação é mencionada como um elemento essencial para a ressocialização dos apenados, sendo assim, deve ser oferecida em todos os níveis. Nesse sentido, o artigo intitulado "A (IN) Viabilidade da Educação e do Trabalho como Instrumentos de Ressocialização de Indivíduos Encarcerados" (2018) explica:

É manifesto no plano teórico que a educação prisional ao indivíduo sob tutela do sistema penitenciário brasileiro passa pelo direito à assistência educacional, o qual é regido nos dias atuais pelas legislações pátrias, notadamente: Carta Magna de 1988; a Lei de Execução Penal; os regulamentos penitenciários de âmbito estadual, aderentes à LEP; as Resoluções do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; e normatizações de cunho internacional.²⁵

No entanto, na prática, é evidente que essa questão é desvalorizada, e muitas vezes o indivíduo encarcerado não tem um acesso real ao pleno exercício de seu direito de escolha em relação aos estudos. As instituições frequentemente utilizam os benefícios concedidos aos apenados como uma forma de exercer poder, como, por exemplo, ao direcionar a profissionalização visando obter mão de obra interna. Além disso, mesmo quando o detento

²⁵ GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, Revista Científica, São Paulo, 2021, p.10.

tem o direito total aos benefícios educacionais, como o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), sua rotina exaustiva e as tarefas braçais o levam a optar pelo trabalho, já que não conseguem conciliar as duas atividades. Nesse sentido:

As pesquisas acerca da educação prisional apontam que, entre trabalhar e estudar, os internos optam por trabalhar, em função dos benefícios advindos da remissão pelo trabalho: a cada três dias de trabalho, os detentos conquistam o direito de um dia a menos no cômputo da pena, enquanto em relação aos dias estudados, a decisão cabe à autoridade judicial. Outro aspecto complicador é a ausência de maleabilidade dos horários destinados ao estudo, que, majoritariamente, são observados no período da manhã e tarde, não oportunizando a harmonização entre trabalho e educação.²⁶

Na Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC), é evidente a impossibilidade de conciliar os estudos com as tarefas exigidas de cada recuperando. Além do período dedicado ao trabalho, há atividades religiosas obrigatórias que são promovidas como o principal foco de estudo na instituição. Isso ocorre tanto para a adaptação dos detentos à APAC quanto para receberem valorização e, em alguns casos, benefícios de tratamento.

De acordo com o artigo 3 da Lei de Execução Penal número 7.210, nenhum detento deve ser discriminado com base em sua raça, classe social, religião ou posicionamento político. Portanto, é inviável aplicar um sistema educacional fundamentado na lei de forma homogênea, uma vez que cada indivíduo deve ser tratado de acordo com suas particularidades. Nesse sentido, voltando ao objeto de pesquisa, fica claro que a APAC não pratica aquilo que está estabelecido em teoria, especialmente quando a única abordagem incentivada pela organização está relacionada à salvação por meio do estudo de Jesus Cristo.

O método APAC é composto por 12 elementos mencionados no site da FBAC (Fraternidade Brasileira de Assistência ao Condenado): Participação da comunidade, recuperando ajudando recuperando, trabalho, espiritualidade, Assistência jurídica, Assistência à saúde, Valorização humana, Família, O voluntário e o curso para sua formação, Centro de reintegração social, Mérito e Jornada de libertação com Cristo. Cada um desses princípios molda a estrutura do objeto de estudo: a APAC. Durante as visitas realizadas, foi possível observar, por meio de reuniões com as famílias e diálogos com os detentos, como esses elementos são aplicados em Patrocínio e quais são seus efeitos.

²⁶ GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, Revista Científica, São Paulo, 2021, p.7.

A participação da comunidade, que é descrita como item de número 1 dos elementos-chaves, está ligada à ideia de que sem a contribuição dos voluntários, não é possível que seja constituída a APAC. É através da disseminação dos preceitos “apaqueanos”, de acordo com o site oficial (FBAC), que haverá sucesso na recuperação plena dos indivíduos. Nesse sentido, é importante ressaltar que a participação comunitária está fortemente ligada à divulgação do interior da APAC nas mídias, visto que, durante as visitas no período especificado, pude verificar que são tiradas fotografias da família e dos detentos, que, posteriormente, também são postadas no jornal da cidade. Isso ocorre por meio dos registros feitos pelos funcionários, que também são denominados voluntários, apesar de receberem uma quantia em dinheiro pelo cargo que ocupam. Nesse contexto, a participação da comunidade é citada como uma maneira de tentar romper com os preconceitos para fora dos muros da APAC, levando a experiência do interior e difundindo pela cidade.

O elemento "Recuperando ajudando recuperando", listado como o segundo aspecto fundamental para o funcionamento da APAC, propõe uma dinâmica de ajuda mútua entre os detentos, permitindo que eles se auxiliem durante o cumprimento de suas penas. Nesse sentido, a APAC conta com o Conselho de Sinceridade e Solidariedade (CSS), formado por apenados que se voluntariam para promover parcerias dentro da instituição. No entanto, durante as visitas realizadas, foi observado na prática que o segundo elemento do método APAC pode gerar um mecanismo de poder silencioso, onde os detentos se vigiam mutuamente. Isso ocorre porque, conforme constatado, alguns detentos esperam obter benefícios ao denunciar seus colegas de cela. Dessa forma, cria-se uma desconfiança generalizada, onde ninguém pode confiar em ninguém. Essa dinâmica de vigilância mútua pode ser relacionada às teorias de Michel Foucault, uma vez que são estabelecidos micropoderes para exercer um controle sutil sobre os corpos dos detentos.

Durante minha última visita à APAC, em 26 de fevereiro de 2023, um episódio revelador foi compartilhado por um dos detentos, proporcionando uma compreensão mais profunda de como esse fenômeno é utilizado para manipular a população carcerária:

Uma pá de mano “foi” retornado pra penitenciária na última sexta... Eles estavam tomando álcool puro dentro das garrafinhas que eram compradas de água na lanchonete daqui. Ninguém sabe como isso aconteceu... Eu só sei que quem contou, tava na mesma cela que eles e também foi retornado. Eles acham que se apontarem o dedo e denunciarem os erros, vão ter privilégios. Mas na hora que tiverem a oportunidade, não vão não. Ele até chorou e disse que não entendia, que sempre

contou tudo pra direção. Mas não quiseram saber, ele foi retornado junto com todo o resto, mesmo falando que não tinha nada a ver!

- Rafael (Nome fictício)

A partir do relato mencionado acima, que descreve um evento cotidiano na APAC, podemos realizar uma análise mais aprofundada sobre a discrepância entre a teoria e a prática. No caso específico, a frase "O recuperando ajuda o recuperando" resultou na transferência de todos os envolvidos de volta ao sistema penitenciário convencional da cidade. Isso levanta questionamentos sobre a credibilidade das palavras dentro das dependências da prisão e até que ponto a noção de confiança realmente se estabelece, mesmo quando há informações fornecidas por um dos membros sobre o que estava ocorrendo. Na prática, os recuperandos (termo utilizado para se referir aos detentos no método APAC) são colocados uns contra os outros, incentivando a vigilância mútua e a imposição de punições além das penas já estabelecidas.

O trabalho, elemento 3 do método, é surpreendentemente citado como insuficiente na recuperação do homem. De acordo com a descrição do site:

Não se pode perder de vista, que se não houver uma reciclagem dos valores, se não melhorar sua autoimagem, se não fizer com que o cidadão que cumpre pena se descubra, se conheça e enxergue seus méritos, nada terá sentido. Se não ajudar o recuperando a perceber-se como filho de Deus, como cidadão igual a qualquer outro cidadão, com as mesmas possibilidades de caminhar, de vencer e de ser feliz, não adianta dar serviço ou forçar o trabalho, porque ele vai ser um eterno revoltado. Então, é possível que na primeira oportunidade de rebelião irá colocar fogo nas máquinas, nas oficinas de trabalho, etc.²⁷

Na prática, o serviço braçal é a principal atividade da rotina dos detentos, conciliadas com os momentos socializadores. Durante suas rotinas de trabalho, apesar de trabalharem de 6 a 8 horas, muitos deles são expostos ao sol, operando na construção de telhas, manuseando objetos pesados, fazendo tijolos, dentre outras funções. Então, fazendo uma comparação com a teoria e a prática, é indiscutível que há controvérsias. Por outro lado, também há oportunidade para que os apenados ocupem cargos menos cansativos, como nos laboratórios de artesanatos, porém, são feitas trocas de mês em mês, e há um “rodízio” dos detentos nas diferentes ocupações. Mais uma vez, é importante ressaltar que, mesmo os trabalhos mais leves, geram lucros para a instituição, uma vez que todas as movimentações de serviços feitos pelos detentos, giram dinheiro, seja para sair da instituição, ou até mesmo para a própria produção, como no caso do crochê, que na própria APAC, são vendidas linhas para que os detentos usem, ou seja,

²⁷ FBAC, Disponível em: <https://fbac.org.br/os-12-elementos/>, Acesso em 01/12/2022, as 13:00

seus familiares são induzidos a depositarem determinado valor caso desejem que o indivíduo privado de liberdade produza algum artesanato.

De acordo com o Centro Internacional de Estudos da Apac (CIEMA), o custo médio mensal de um indivíduo cumprindo pena na instituição, é de R\$ 1.285,03, valor esse que é retirado através da VERBA da Execução Penal, e de parcerias com empresas locais. Esse valor, quando comparado ao de uma prisão pública, é significativamente menor, visto que, nas penitenciárias, o custo é de 1.800 por pessoa. Porém, apesar de ser intitulada como uma Organização sem Fins Lucrativos, é imprescindível citar que além do orçamento governamental, a APAC também movimenta, conforme citado anteriormente, valores expressivos, na medida em que todo o consumo da lojinha, padaria, e dos materiais para confecção de artesanato, somam juntamente com as porcentagens para entrada e saída de produtos. Além disso, outro aspecto notório que foi observado nas pesquisas e apresenta discrepância com relação ao orçado da instituição, está na estrutura física, que também possui histórico de estudos em trabalhos realizados na cidade. O Trabalho de Conclusão de Curso da autora, Nícia Silva Reis, formada em Direito pela Unicerp (2017), pontua como uma das problemáticas no funcionamento da APAC, a estrutura precária (p.59) que impede a unidade de realizar as demandas prometidas. Nesse sentido, é questionável a forma com que os valores arrecadados por meio das movimentações citadas são investidos, haja visto que não há reforma, tampouco é citado esse ponto de melhoria nas reuniões assistidas.

A espiritualidade, que é o quarto elemento da APAC, baseia-se na premissa de que os valores do indivíduo são derivados de sua crença em Deus e da prática de uma religião que proporcione uma experiência transformadora em seu caminho, conforme mencionado no site oficial. É importante destacar que a APAC reconhece que a religião por si só não é suficiente para a ressocialização do apenado, como expresso a seguir:

Outro equívoco que ocorre, com grande frequência, na abordagem de recuperação de presos além do trabalho, é julgar que a religião seja suficiente para preparar o preso para seu retorno na sociedade. Vale dizer, que é possível encontrar em praticamente todos os estabelecimentos prisionais grupos religiosos de diferentes credos e, no entanto, o índice de reincidência no país continuar alarmante, oscilando entre 75% a 80%.²⁸

²⁸ FBAC, disponível em: <https://fbac.org.br/os-12-elementos/> Acesso em 01/12/2022, às 12:15.

Além disso, também é mencionado que a APAC busca proporcionar ao "recuperando" uma experiência com Deus, sem impor qualquer tipo de credo religioso. No entanto, na prática, a abordagem "apaqueana" contradiz uma realidade em que atividades religiosas além de cultos e missas não ocorrem. Durante as reuniões observadas, foi descrito que a falta de participação ativa na fé pode ser interpretada como uma inadaptação à instituição, resultando no retorno do apenado ao sistema penitenciário. Dessa forma, o exercício da religiosidade é uma medida imposta aos detentos, pois são inseridos em atos socializadores dessa natureza, sem a possibilidade de escolher não participar. Caso haja alguma espécie de recusa na participação, a consequência é o retorno para um regime mais rigoroso.

A Assistência Jurídica, elemento 5, cita o atendimento obrigatório para todos os detentos que não possuem condição financeira, visando com que todos os "recuperandos" tenham sua defesa garantida. Porém, na prática, os advogados vão esporadicamente darem palestras referente a sua história de vida, e aspectos acerca da própria carreira. Os detentos com menor renda, são amparados pela defensoria pública, que está disponível em todas as unidades, não sendo exclusivamente uma conquista da APAC.

A Assistência à Saúde, é colocada em primeiro plano na teoria "apaqueana", conforme citado no site oficial, "O atendimento à saúde é vital para a eficácia do Método e se não for suficiente, cria um clima insuportável e extremamente agressivo e violento, foco gerador de fugas rebeliões e morte. Impossível falar do amor de Deus neste ambiente." (FBAC) Porém, de acordo com a pesquisa da autora Nícia Silva Reis²⁹, após um questionário realizado com detentos da APAC, com a finalidade de sondar suas percepções acerca dos elementos, tornou-se perceptível que, em sua grande maioria, os "recuperandos" não se sentem atendidos de acordo com suas necessidades básicas de saúde. Em um dos diálogos com Rafael (Nome fictício), foi relatado que muitas das vezes a unidade espera um caso de saúde se agravar, para se dirigir ao Sistema Único de Saúde, o que mostra que, na prática, o sexto elemento não é uma realidade.

O sétimo elemento da APAC, denominado Valorização Humana, preconiza teoricamente que o indivíduo deve ser a principal preocupação da instituição, tendo seus direitos

²⁹ REIS, Nícia Silva, A dificuldade de aplicação do método APAC na instituição de Patrocínio/MG e o prejuízo para a ressocialização do recuperando, Patrocínio-MG, 2017.

garantidos e buscando sua transformação por meio da evangelização e do trabalho. No entanto, ao observar a prática, a combinação de todos os elementos mencionados anteriormente permite uma análise sobre o mau funcionamento do método, principalmente no que diz respeito à humanização da pena. De acordo com a pesquisa realizada entre os detentos³⁰, é possível constatar a insatisfação diante da contradição. Ao serem questionados acerca dos motivos que os impedem de se sentirem acolhidos na unidade, as respostas mais frequentes, presentes na pesquisa foram, “(...) Dificuldade em dialogar com a direção e falta de credibilidade em ouvir opiniões de melhoria, autoritarismo, relacionamento humano, direção ser mais humana, má coordenação, muita cobrança, a rotina do trabalho focando no trabalho braçal.”³¹ De acordo com o site oficial da FBAC, referente a essa questão:

Voluntários especialmente treinados para este fim irão ajudar os recuperandos a tirar as máscaras que os impedem de ver a realidade tal como é, a libertar-se dos medos, dos vícios, dos preconceitos e das grades interiores, para que, ao final, purificado de tudo isso possa perceber-se como filho de Deus, como alguém que pode ser feliz.³²

Contudo, como já foi apresentado no trabalho anteriormente, o discurso religioso com o intuito de evangelizar os detentos é preocupante, principalmente quando citado como um recurso único e exclusivo de salvação. Além disso, desde o período do Imperialismo Europeu, que motivou os processos colonizadores no século XIX, a religião tem sido utilizada como uma forma de poder, baseada no eurocentrismo e na crença na superioridade de um povo sobre os demais. No contexto brasileiro, é evidente que o processo de colonização deixou marcas que ainda necessitam de revisão e cuidado. Ao mencionar a religião como o meio pelo qual os detentos podem perceber a realidade como ela é e alcançar a verdadeira felicidade, o discurso da APAC não leva em consideração que a vida dos indivíduos influencia diretamente a formação de suas ideologias. Muitos detentos já enxergam a realidade de maneira genuína, porém, cada um deles precisa de cuidado e compreensão, considerando suas próprias perspectivas. Portanto, não se pode reduzir tudo a um único rótulo religioso. Nesse contexto, Paulo Freire enfatiza que o processo educacional não se limita apenas à compreensão da realidade, mas também requer a capacidade de transmiti-la durante a relação de ensino. Ele

³⁰ REIS, Nícia Silva, A dificuldade de aplicação do método APAC na instituição de Patrocínio/MG e o prejuízo para a ressocialização do recuperando, Patrocínio-MG, 2017.

³¹ REIS, Nícia Silva, A dificuldade de aplicação do método APAC na instituição de Patrocínio/MG e o prejuízo para a ressocialização do recuperando, Patrocínio-MG, 2017, p.57.

³² FBAC, disponível em: <https://fbac.org.br/os-12-elementos/> Acesso em 01/12/2022, às 13:00.

ressalta que a verdadeira aprendizagem não se resume a se adaptar passivamente à realidade, mas a se capacitar para transformá-la, intervindo ativamente e recriando-a. Freire destaca a importância da educação como um instrumento de emancipação e empoderamento, permitindo que os indivíduos se tornem agentes de mudança em sua própria realidade. De acordo com ele, a educação é sobre “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a.”³³

Paulo Freire, em sua obra, “A pedagogia da autonomia”, ressalta a importância de questionar o uso do conceito de "realidade" como forma de conformar os indivíduos aos contextos em que vivem. Ele alerta para o perigo de uma compreensão reducionista da realidade, que busca impor uma visão de mundo estática e imutável. Freire defende que a verdadeira educação deve estimular a reflexão crítica e a capacidade dos alunos de interpretar e transformar sua própria realidade. Ele enfatiza que a aprendizagem deve ir além da simples adaptação à realidade existente, permitindo aos indivíduos desenvolverem uma consciência crítica e se tornarem agentes de transformação social.

Uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer mas seguir a ordem natural dos fatos. Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender a globalização e não como uma produção histórica.³⁴

Carlos Eduardo Taddeo, em sua obra "A guerra não declarada na visão de um favelado" (2012), aborda a questão da imposição de medidas de controle sob uma aparência de naturalidade. Ele ressalta como certas práticas e políticas são implantadas de forma sutil, como se fossem parte intrínseca da realidade, sem questionamentos ou resistências por parte da população. Taddeo analisa como essas estratégias são utilizadas como mecanismos de dominação e opressão, perpetuando desigualdades e injustiças sociais. Ele denuncia a importância de reconhecer e questionar essas imposições disfarçadas, buscando uma visão crítica que possibilite a luta por mudanças efetivas:

O método mais eficaz para se manter a todo vapor a produção de atos hediondos de um regime tirânico, é implantar no imaginário popular, justificativas camufladoras que colaborem para a sua aceitação geral. Para tanto, basta que as autoridades

³³ FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Editora paz e terra, p.35.

³⁴ FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Editora paz e terra, p.65.

introduzam nas mentes alienadas a cínica alegação; de que o mar de sangue, em que as pessoas de menor poder aquisitivo naufragam, é causado por ocorrências e circunstâncias surgidas em face de desavenças corriqueiras e naturais." ³⁵

Já a família, item de número 8 da teoria “apaqueana”, é citada como elemento de forte importância. Para a direção, é dito como imprescindível que a família dos apenados não sofram durante o período de detenção. Em uma das reuniões que estive presente, a qual foi relatada com mais detalhes no capítulo 1, a maneira com que os familiares são incluídos no discurso de culpabilidade é assustadora. Em um dos momentos, os palestrantes passaram um slide que especificava “As maneiras de fazer com que seu filho nunca deixe de ser um criminoso”, e citaram comportamentos como, “Não levar seu filho à igreja”, o que mostra que, ao contrário do discurso humanitário que está presente nas diretrizes e registradas no site oficial (FBAC), a família é enxergada como uma peça de engrenagem do sistema, sendo essencial para o controle dos corpos dos detentos. Os familiares, em nenhum momento, devem ser penalizados através de torturas psicológicas sutis que configurem na perda de visita, como ocorreu nesse dia, e na absorção de discursos que os caracterizem como responsáveis pela prisão de um indivíduo. Isso deve se dar, além de inúmeros outros fatores, a própria falta de estrutura da sociedade, às desigualdades sociais e à escassez de um ensino público digno e de qualidade, que por muitas vezes, faz com que crianças e adolescentes se rendam a vida do crime e das drogas para arcarem com as despesas e com a própria vida, quando não são impedidas pela própria violência policial de frequentarem as escolas e os próprios trabalhos, como acontece nas favelas do complexo do alemão, relatadas através de depoimentos de moradores no documentário lançado no ano de 2011, “Complexo- Universo paralelo.”:

Eu não nasci bandido não, ninguém nasceu bandido, eu jogava bola como qualquer outro meus “colega”, Sou cria como todo mundo, cria daqui, tá me entendendo? Foi isso que eu escolhi pra mim? foi. Tá me entendendo? Não adianta eu me arrepender, eu falei, “tenho personalidade própria”.

Paz eu pedia antes de ser traficante, quando eu trabalhava, que eu queria deitar, sabendo que eu tinha que trabalhar 5 horas e não conseguia porque a polícia tava na favela, tinha que sair pra ir trabalhar, me parava lá em baixo, falava que minha marmitta que eu ‘tava carregando dentro da minha mochila eu tava escondendo pra sair do morro. (Morador não identificado, 2011, 1h06min)³⁶

³⁵ TADDEO, Carlos Eduardo, A Guerra não declarada na visão de um favelado, São Paulo: Editora Saraiva, Volume 1, 2012, p. 41.

³⁶ Complexo- Universo paralelo, Direção: Mário Patrocínio, Produção: Tiago Duque Henrique Salgado, Rio De Janeiro, 13 de janeiro de 2011, 80 minutos, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxIzIzTG9xQ&t=75s> Acesso em 06/05/2023, às 18:00.

É essencial não ignorar os aspectos sociais, econômicos e políticos envolvidos. Como documentado no mencionado documentário, é impossível dissociar completamente a identidade do indivíduo da sua condição de criminoso, uma vez que muitas vezes a segunda se origina de circunstâncias enfrentadas ao longo da vida do primeiro. Portanto, é crucial que a APAC leve em consideração a subjetividade dos crimes e dos indivíduos que compõem a população carcerária, pois a visão de mundo desempenha um papel fundamental na formação de um criminoso.

Continuando com os elementos "apaqueanos", o voluntário e o curso de formação são mencionados como o nono elemento, consistindo na busca por indivíduos alinhados com a religiosidade presente na metodologia, para que possam transmiti-la aos detentos posteriormente. Conforme afirmado por Paulo Freire, ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas requer respeito à autonomia do educando. Portanto, o respeito à autonomia e à dignidade de cada indivíduo é um imperativo ético e não um favor que possamos escolher conceder ou não uns aos outros.

Portanto, é crucial que um processo de ressocialização, que utiliza o termo "reeducando" para se referir aos indivíduos encarcerados, também inclua uma base capaz de respeitar suas particularidades. Mesmo diante de um caso em que um indivíduo se recusa a participar de um ato religioso, deve haver alternativas para orientá-lo em seu processo de ressocialização, o que infelizmente não ocorre atualmente.

O Centro de Reintegração Social, é o nome dado, no elemento 10, à estrutura física das APAC'S. Nele, é especificado que o suposto ambiente de reintegração deve ser organizado em salas e celas, que possam dar aos indivíduos condições humanizadas de cumprimento de pena. Porém, conforme observado nas visitas mencionadas, o espaço não possui, na prática, o que deveria ser esse espaço, principalmente por não passar por reformas recentes, e por ignorar a precariedade física da unidade.

O item número 11 dos elementos APAC, denominado "Mérito", está relacionado à disseminação de discursos neoliberais que culpabilizam os menos favorecidos por sua condição, alegando que os indivíduos pobres e marginalizados não se esforçaram o suficiente. No contexto da APAC, o mérito envolve a recompensa aos detentos pelo bom comportamento e pelo cumprimento de todas as tarefas dentro do prazo estabelecido, oferecendo proteção e progresso dentro da Instituição.

Por fim, o elemento número 12, denominado "Jornada de Libertação com Cristo", refere-se a um programa de três dias que visa promover a reflexão entre os detentos e incentivá-los a encontrar o que eles chamam de "uma nova filosofia de vida" (FBAC).

Um ponto importante a se destacar é que, dentre todos os princípios que fundamentam a teoria "apaqueana", nenhum deles enfatiza o estudo como um elemento fundamental para a ressocialização dos indivíduos na sociedade. Ao contrário, a preocupação é direcionada de forma exagerada para a formação religiosa e para a utilização da mão de obra dos detentos. Isso revela uma lacuna significativa em relação aos métodos educacionais. A educação nas prisões é considerada de extrema importância por diversos estudiosos, uma vez que está diretamente relacionada à reintegração dos indivíduos à sociedade. É por meio do acesso ao conhecimento, do desenvolvimento de habilidades e competências, e da promoção da reflexão crítica que os detentos podem adquirir ferramentas necessárias para se reinserirem de maneira produtiva e construtiva na comunidade. Portanto, é fundamental ressaltar a importância de incluir programas educacionais abrangentes e de qualidade dentro do contexto do sistema prisional, visando proporcionar aos detentos oportunidades reais de desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional, contribuindo assim para sua reintegração social efetiva:

A educação no cárcere representa uma categoria de educação de adultos que assume o propósito de escolarizar, conceber e preparar indivíduos temporariamente encarcerados para que, após o cumprimento do tempo de restrição da liberdade, sejam capazes de se reinserirem com decoro nos planos social e do trabalho, uma vez que esses indivíduos, majoritariamente, possuem restrita ou nenhuma escolarização.³⁷

Em um trabalho feito pelo professor, Elionaldo Fernandes Julião³⁸, a inserção da educação no sistema penal é um dos pontos-chaves para que os indivíduos possam adquirir um senso crítico mais apurado, além de expandirem suas visões com relação ao mundo e ao espaço que podem ocupar, sendo assim, merece devido destaque no interior do sistema carcerário:

³⁷ GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, Revista Científica, São Paulo, 2021, p.11.

³⁸ JULIÃO, Elionaldo Fernandes, Sistema Penitenciário Brasileiro: política de execução penal, Petrópolis, Rio De Janeiro: FAPERJ, 2012.

O apenado pode vir a integrar-se a um processo de transformação, apto a aperfeiçoar a sua visão de mundo, auxiliando na formação de senso crítico, especialmente convertendo-se na compreensão do valor da liberdade e beneficiando o comportamento na vida carcerária.³⁹

Além disso, para Paulo Freire, “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.”⁴⁰

No entanto, como discutido no capítulo 1, a APAC não possui nenhum objetivo voltado para a educação como uma forma de alcançar a liberdade e promover mudanças na realidade dos detentos. Pelo contrário, a instituição utiliza apenas ferramentas religiosas como o único caminho para a salvação das almas e sua reintegração na sociedade. Nesse sentido, a educação é banalizada e substituída por um único "recurso", que, se não for seguido estritamente por alguns detentos, resultará em sua volta ao sistema prisional tradicional por não se adequarem à metodologia "apaqueana".

O lugar da educação no método APAC, é, portanto, ocupado pela programação de estudos bíblicos, que ocorre desde a chegada do encarcerado na unidade. Nos dois primeiros meses, é realizado o período de adaptação, no qual os indivíduos recém-chegados serão observados e treinados para se adaptarem ao novo ambiente. Nessa etapa, são ministradas aulas na chamada, “escolinha do método”:

Os recuperandos condenados inicialmente ao regime semiaberto, pelo prazo mínimo de dois meses, tempo de adaptação nesse regime, deverão, pelo período de quatro horas diárias, ser submetidos ao estudo e aprendizado do Método APAC (Escolinha do Método), utilizando-se, para isso, de material próprio oferecido pela FBAC.⁴¹

No site oficial da FBAC, são apresentados alguns dos programas oferecidos pela instituição Um desses programas é intitulado, “A viagem do prisioneiro”, que consiste em

³⁹ GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, Revista Científica, São Paulo, 2021, p.11.

⁴⁰ FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Editora paz e terra, p.35.

⁴¹ FERREIRA, Valdeci, OTTOBONI, Mário, Método APAC- Sistematização de processos, Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais: 2016, p.41.

estudos bíblicos ministrados aos presos. Nesse roteiro, será apresentada a imagem de Jesus Cristo, e seus significados dentro do contexto cristão. Esse treinamento dura, de acordo com o site, 8 sessões de duas horas cada, e possui o intuito de ensinar a importância da valorização humana:

Ademais do esclarecimento aparentemente teórico e básico acerca do Cristianismo, o Curso de forma dinâmica e totalmente participativa, em grupos de até 12 participantes, liderados por 2 facilitadores, objetiva a valorização do ser humano, promoção da autoestima e a reflexão de valores cristãos, estimulando os participantes a se tornarem verdadeiros e fiéis seguidores de Cristo, colocando todo o aprendizado desde já em prática.⁴²

A aplicação de um ensino religioso específico na estrutura da APAC torna-se cada vez mais evidente, não apenas exigindo que os detentos aprendam e se adaptem ao contexto religioso, mas também impondo essa mesma demanda aos funcionários da instituição. Durante minha visita à instituição, pude observar o profundo envolvimento das pessoas nesse viés religioso. Quando não estão envolvidas em atividades de ressocialização ou em catequeses, a maioria dos funcionários realiza trabalhos braçais. No entanto, esse tipo de atividade não parece ser eficaz na real ressocialização dos detentos, uma vez que eles não recebem remuneração adequada, exceto pelo pagamento do seu próprio "custo" e remissão de dias a partir de três meses de trabalho.

A configuração da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) de Patrocínio-MG, como descrito no capítulo, não corresponde à estrutura mencionada no site oficial da Fraternidade Brasileira de Assistência ao Condenado (FBAC). Mesmo que conseguisse reproduzir todos os 12 elementos e a planta arquitetônica, é necessário rever o papel da educação, pois, no momento atual, apenas a fé religiosa é considerada como a "cura" para os sentenciados.

⁴² FBAC, Disponível em: <https://fbac.org.br/viagem-do-prisioneiro/> Acessado em 13/04/2023, às 20:50.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autora da pesquisa, “Encarceramento em massa: Um projeto de controle e extermínio das mulheres negras”, Andressa Macedo Pereira, explica em um de seus parágrafos, a importância dos estudos com relação ao encarceramento em massa, especialmente avaliando os fatores sociais, raciais e de gênero:

A necessidade de se abordar e pesquisar temas quanto aos problemas estruturais das prisões, a “Guerra às Drogas” e o racismo estrutural está em denunciar a anestesia da população frente a normalização da violência contra a população negra. O extermínio de grupos sociais marginalizados pelo sistema de justiça brasileiro como um todo está presente desde o período colonial, com a escravização de povos para a colonização desse Novo Mundo.⁴³

A historiadora argumenta que o sistema judiciário brasileiro possui um amplo índice de extermínio, que negligencia os grupos sociais marginalizados, desde o período colonial. Essa questão foi um dos principais focos deste trabalho, especialmente ao observar que estes constituem a maior parte da população carcerária brasileira atualmente.

O objetivo central deste trabalho foi observar como os meios de domínio contemporâneos existem, incluindo a violência sutil e o controle dos corpos em prol do lucro da elite e da exploração em massa da mão de obra. Essa realidade pôde ser constatada durante as visitas ao instituto APAC na cidade de Patrocínio-MG.

Nesse contexto, a Associação de Proteção e Assistência ao Condenado foi escolhida como tema central dessa pesquisa, pois observou-se que é um espaço que propõe a humanização do sistema prisional por meio da reeducação dos detentos, utilizando a fé e a religião como meio para atingir esse objetivo.

Conforme ressaltado no capítulo 1, intitulado "O interior da APAC de Patrocínio-MG: Matar o criminoso e salvar o homem", é evidente que as táticas utilizadas pela associação estão

⁴³ PEREIRA, Andressa Macedo, O Encarceramento em massa: Um projeto de controle e extermínio das mulheres negras, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2022, p. 17.

vinculadas a interesses que, aparentemente, se distanciam do que é divulgado no site oficial. Na realidade, a reeducação pode ser vista como uma forma de adestramento, baseada na religião e no trabalho braçal. Assim, a pesquisa também buscou problematizar a eficácia desse método, a fim de compreender qual é o verdadeiro papel do detento em seu processo de recuperação.

No capítulo 2, intitulado "O método de reeducação presente na APAC de Patrocínio-MG", foram apresentados os 12 elementos que moldam o pensamento "apaqueano". A partir da análise de cada um desses elementos, foi feita uma comparação com o que pôde ser observado na prática. Para isso, utilizei os registros feitos durante as visitas ao instituto, realizadas entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023. Além disso, também foram utilizados dados provenientes de pesquisas realizadas por estudantes de Direito, conforme mencionado anteriormente.

O método APAC, a primeiro momento, surge, conforme citado anteriormente, como uma proposta que busca romper com a violência do sistema penitenciário tradicional. Contudo, a maneira com que o controle da instituição é exercido, torna necessário o estudo para a História, além do diálogo com as áreas do Direito e da Sociologia, que possuem pesquisas relacionadas à problemática.

Nesse sentido, é importante que não ocorra a idealização do método, pois, conforme foi explicado, a taxa de reinserção é divulgada como menor do que a do sistema tradicional, porém, segundo as pesquisas expostas, isso se deve, grande parte, pelos pré-requisitos na transferência entre um local e outro, o que pode ocasionar na soma de um indivíduo que retorna, para outra instituição, já que não retorna para a APAC. Além disso, a superlotação, conforme observado nas visitas, não ocorre. Porém, tal fato não anula as questões problematizadoras que foram expostas na presente pesquisa.

Em uma das visitas, um dos detentos informou que as músicas ouvidas pelos detentos, também eram alvos de censura. Os encarcerados que colocassem qualquer modalidade de músicas consideradas marginais, como o funk e o rap, recebiam punições. É importante citar que o movimento cultural do RAP, foi estudado pelo autor da pesquisa, "Os locutores do inferno: representações de violência no rap da facção central", Matheus de Andrade Gomes, que explica, "O rap possibilita que a juventude das periferias possa expressar o

descontentamento, raiva e crítica à sociedade racista e classista, narrar memórias (de superação ou trauma) e buscar reexistir.”⁴⁴

São numerosos os indícios que colocam à prova a própria autonomia cultural dos indivíduos. A ressocialização pode ocorrer de várias maneiras, porém, de acordo com tudo o que foi exposto, isso não se concretiza. Além disso, o estudo também procurou apresentar a visão dos detentos em relação ao método de reeducação adotado pela APAC, concluindo que muitos se adaptam a fim de evitar retornar aos regimes mais rigorosos e enfrentar dificuldades na conclusão de suas penas.

Também foi abordada a problemática da estrutura precária da unidade em Patrocínio-MG, que não corresponde ao planejamento apresentado no site oficial.

A obra "Vigiar e Punir", de Michel Foucault, foi a principal referência bibliográfica utilizada para analisar o ambiente "apaqueano", permitindo a comparação entre teoria e prática, respaldada por outros autores e a interdisciplinaridade com o campo jurídico.

Nesse sentido, torna-se necessário reavaliar a unidade, em primeiro lugar, no que diz respeito à concepção de reeducação restrita apenas ao viés religioso. Além disso, é essencial ampliar o escopo de estudos, criando salas de aula e contratando profissionais capazes de auxiliar os detentos a desenvolver um pensamento crítico. Somente por meio desse pensamento crítico eles poderão compreender suas realidades e buscar métodos mais eficazes para sobreviverem longe da vida criminosa.

Uma das músicas do grupo de RAP, Racionais MC'S, denominada, "Diário de um detento"⁴⁵, foi escrita por Jocenir Prado, enquanto estava cumprindo pena no presídio de Avaré, em São Paulo. Durante a visita do integrante Mano Brown, entregou a letra sem nenhuma pretensão além de expor o que sentia restrito de sua própria liberdade. Mano Brown, que já era conhecedor da realidade prisional Brasileira, gravou a canção e a lançou no álbum, "Sobrevivendo no inferno", em 1997. Um de seus versos, diz: "Cada detento uma mãe, uma crença/ Cada crime uma sentença/ Cada sentença um motivo, uma história de lágrima / Sangue,

⁴⁴ GOMES, Matheus de Andrade, "Os locutores do inferno: representações de violências no rap do Facção Central (1995-2006), Brasília: Trabalho de pós graduação em História, UNB, 2019, p.11.

⁴⁵ RACIONAIS MC'S, Diário de um detento, Sobrevivendo no inferno. Cosa Nostra, 1997.

vidas e glórias, abandono, miséria, ódio / Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo / Misture bem essa química / Pronto, eis um novo detento.”

As palavras retratam, por meio da expressão artística do RAP brasileiro e da experiência de Jocenir Prado, a individualidade dos detentos, que frequentemente é ignorada pelo sistema prisional brasileiro, e na APAC não é diferente.

A realidade do sistema prisional é marcada pela exclusão e muitas vezes beneficia um grupo de pessoas que se aproveitam das desigualdades para acumular riquezas. A Assistência e Proteção ao Condenado destacam como a religião pode ser utilizada como uma forma de manipulação e controle dos corpos. Por isso, é crucial que as pesquisas não sejam interrompidas.

Em resumo, a APAC de Patrocínio-MG não apresenta, nem teoricamente, tampouco na prática, um plano eficaz para que os detentos possam se reintegrar à sociedade com reais oportunidades de emprego e educação. Além disso, o excessivo discurso religioso na unidade prejudica o desenvolvimento de outras atividades, como a presença de uma sala de aula, por exemplo, no instituto.

É importante ressaltar que a fé e as escolhas religiosas devem existir, mas de forma ampla, respeitando o direito individual de cada ser humano, mesmo dentro de um sistema que restringe a liberdade.

Destaco, ainda, que com base em todas as análises realizadas, não é possível "matar o criminoso e salvar o homem", pois não existem dois sujeitos na frase. A APAC não deve negligenciar os aspectos sociais, culturais e econômicos que levam muitos jovens, crianças e adultos marginalizados a se envolverem com o crime.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Complexo- Universo paralelo, Direção: Mário Patrocínio, Produção: Tiago Duque Henrique Salgado, Rio De Janeiro, 13 de janeiro de 2011, 80 minutos, Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=nxIzIzTG9xQ&t=75s> Acesso em 06/05/2023, às 18:00.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Sistema Carcerário e execução penal. Brasília: CNJ, Novembro, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/cidadania-nos-presidios/> Acesso em 04/05/2023, às 18:42.

DA ROSA SILVA JUNIOR, A. C. Recuperação religiosa de presos: os (não) cristãos no método APAC de cumprimento de pena. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2014.

DE TONI, Gilmar José. Do espetáculo punitivo às sociedades disciplinar e de controle. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

FERREIRA, Valdeci, OTTOBONI, Mário, Método APAC- Sistematização de processos, Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais: 2016

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Editora paz e terra, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GOMES, Carlos Francisco Simões, QUINTAL, Renato Santiago, A (in) viabilidade da educação e do trabalho como instrumentos de ressocialização de indivíduos encarcerados, Revista Científica, São Paulo, 2021

GOMES, Matheus de Andrade, “Os locutores do inferno: representações de violências no rap do Fação Central (1995-2006), Brasília: Trabalho de pós-graduação em História, UNB, 2019.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes, Sistema Penitenciário Brasileiro: política de execução penal, Petrópolis, Rio De Janeiro: FAPERJ, 2012.

JUS BRASIL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/no-brasil-sete-em-cada-dez-ex-presidiarios-voltam-ao-crime-diz-presidente-do-stf/2828503> Acesso em 04/05/2023 , às 19h40.

PEREIRA, Andressa Macedo, O Encarceramento em massa: Um projeto de controle e extermínio das mulheres negras, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2022

RACIONAIS MC'S, Diário de um detento, Sobrevivendo no inferno. Cosa Nostra, 1997.

REIS, Nícia Silva, A dificuldade de aplicação do método APAC na instituição de Patrocínio/MG e o prejuízo para a ressocialização do recuperando, Patrocínio-MG, 2017.

TADDEO, Carlos Eduardo, A Guerra não declarada na visão de um favelado, São Paulo: Editora Saraiva, Volume 1, 2012.

FONTES:

Câmera sem papel, biografia de Mário Ottoboni, 2019, disponível em:

<https://camarasempapel.camarasjc.sp.gov.br/Arquivo/Documents/PL/PL22019/771077-151158549824042019-assinado.pdf>, acesso em 11/03/2023, às 20:00

FRATERNIDADE BRASILEIRA DE APOIO AO CONDENADO (FBAC) Centro Internacional de Estudos do método APAC, Itaúna, MG. Disponível em: <https://www.fbac.org.br/ciema-2021/index.php/pt/questoes/18-como-surgiu-a-primeira-apac> Acesso em 04/05/2023, às 20h30.